

São Raimundo Nonato dos Mulundus, o santo vaqueiro:  
travessias da religiosidade em movimento

São Raimundo Nonato dos Mulundus, the holy cowherd:  
crossings of religiosity in motion

volume 14 número 27 jun./dez. 2020



*Marcus Ramusyo de Almeida Brasil*<sup>1</sup>

ramusyo@ifma.edu.br

*Cultura Material:  
objetos, imagens e representações - 1/2*

## Resumo

O texto apresenta algumas considerações sobre relações entre memória, experiência e imagem, a propósito da procissão de São Raimundo Nonato dos Mulundus, que sai da cidade de Vargem Grande e vai até o povoado de Paulica, no Maranhão. As reflexões se alicerçam em alguns teóricos da fotografia e outros do pensamento crítico e artístico. A metodologia mescla sociologia da cultura a uma antropologia do visual. O modo de operar o pensamento, aqui, propõe uma triangulação entre o texto escrito, as imagens e as performances das práticas populares. Ao final, teço alguns comentários sobre a relação entre lembrar e esquecer nos processos de rememoração e a dimensão da experiência fotográfica no espírito dos desdobramentos imaginativos.

**Palavras-Chave:** Imagem; Imaginário; Memória; Fotografia, Performance das Práticas Populares.

## Abstract

The text presents some considerations about the relations between memory, experience and image, based on a photographic essay at the procession of São Raimundo Nonato dos Mulundus, which starts in the city of Vargem Grande towards to Paulica, in Maranhão, Brazil. These reflections are based on the ideas of different theorists of photography, and on different authors of the critical and artistic thinking. The way of operating the thought, here, proposes a triangulation between the written text, the images and the performances of popular practices. In the end, I make some comments about the relations between remembering and forgetting in remembrance processes, and the dimension of the photographic experience in the spirit of imaginative unfolding.

**Keywords:** Image; Imaginary; Memory; Photography; Performance of Popular Practices.

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP). São Paulo (SP). Docente de Comunicação / Fotografia e Multimídia do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) e docente colaborador do Programa de Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). São Luís (MA). ramusyo@ifma.edu.br

## Introdução

A perpetuação da memória é, de uma forma geral, o denominador comum das imagens fotográficas: o espaço recortado, fragmentado, o tempo paralisado; uma fatia de vida (re)tirada de seu constante fluir e cristalizada em forma de imagem. (KOS-SOY, 2007, p. 133)

O festejo começa às 5 horas da manhã com o toque da alvorada, conduzido pela Dona Nini, guardiã das liturgias da procissão de São Raimundo Nonato dos Mulundus, realizada no dia 22 de agosto de cada ano, na cidade de Vargem Grande, Maranhão, Brasil. Devotos, romeiros e vaqueiros a cavalo já esperam a hora de iniciar a procissão. Pessoas peregrinam de várias partes do Maranhão e de outros estados do Brasil para prestar devoção, fazer e pagar promessas ao santo popular, adotado e sincretizado pela Igreja Católica, como explicita Melo (2016). Nos dias 30 e 31 de agosto acontece o encerramento da festa, com o seu desenrolar mais profano. Através das reflexões dos trabalhos de Ferreti (2013), no qual ele repensa o sincretismo a partir das formas religiosas afro-maranhenses, e de Sousa, Pinto e Júnior (2018), pode-se compreender as dinâmicas identitárias que envolvem a devoção às almas populares milagrosas e o calendário festivo e votivo da Igreja Católica.

A história de São Raimundo Nonato dos Mulundus está envolta em

narrativas de mistério, fé e devoção, no contexto das crenças populares e das práticas performáticas socio-culturais que as engendram. Raimundo Nonato Soares Cangaçu nasceu em 31 de outubro de 1700, no povoado de Vargem Grande. Veio a falecer no dia 31 de agosto de 1732. Revela a memória coletiva que o vaqueiro Raimundo Nonato estava cavalcando em velocidade pelas matas quando bateu com seu cavalo em uma árvore. Tanto ele quanto seu cavalo ficaram combalidos, ali pereceram e morreram. No entanto, ao entrar em estado de decomposição, em vez de feder e ser comido pelos vermes, o corpo de Raimundo Nonato se santificara, emanava, então, perfume de flores. Nasceu, ali, linda vegetação. O local de sua morte tornou-se lugar de peregrinação com o passar do tempo. Seu nome se manteve forte no imaginário popular do sertanejo da região, vindo a se tornar o santo protetor dos vaqueiros e daqueles que vivem nos rincões do Maranhão profundo, através de quase 300 anos de tradição. (MELO, 2016)

Vargem Grande, atualmente, é uma cidade de aproximadamente 55.000 habitantes e se situa a 174 km de São Luís, capital do estado do Maranhão, meio-norte do Brasil. Sua economia está voltada principalmente para a agricultura e a pecuária. O meio vegetal do município é diversificado. A vegetação é caracterizada pela mata de cocais, cerrado e vegetação florestal mediana com destaque para o pau d'arco e murta. A cidade é banhada pelos rios Munim, Iguará e Preto,

além de abrigar, em seu território, pequenos riachos e olhos d'água. Os maiores riachos são o Riacho Paulica e o Riacho do Soldado. Outros órgãos hídricos que possuem destaque na região são a Lagoa Grande, com cerca de 1,25 km<sup>2</sup> de área e o Balneário Moizinho, usado para o entretenimento de banhistas e atividades diversas de lazer.

A minha experiência no festejo de São Raimundo Nonato dos Mulundus se deu em 2012, e é sobre ela que versarei ao atravessar essas páginas. Na ocasião, estava acompanhado por dois de meus alunos da Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal do Maranhão – Campus Centro Histórico à época. Um deles nos convidou, a mim e ao outro aluno, para realizarmos uma incursão fotográfica junto à procissão do dia 22 de agosto de 2012, perfazendo a caminhada de ida e volta, os 7 km de distância de Vargem Grande ao povoado de Paulica, onde ocorre durante todo o dia as atividades religiosas e profana sem torno da figura do São Raimundo Nonato dos Mulundus, o santo vaqueiro. A romaria sai às 5 horas da manhã e retorna em procissão à cidade por volta das 17 horas, onde, já à noite, reza-se uma missa na paróquia da cidade. É em direção a esse longínquo dia de 2012 que minha memória e imaginação se lançarão no intuito de desvelar, através de imagens, mentais e fotográficas, as travessias e atravessamentos suscitados em mim durante aquele percurso, sob o sol escaldante do meio-norte, em movimento coletivo com toda aquela massa

humana no centro da rodovia, ladeado pelos inúmeros cavaleiros e seus cavalos, acompanhado pelo som das ladainhas e atos de fé, em devoção a um santo popular. A proposta é estabelecer relações entre memória, experiência e imagem a partir de um ensaio fotográfico, tendo como foco as práticas performáticas populares dos devotos e organizadores da procissão. A metodologia mescla sociologia da cultura a uma *antropologia da visual*, que pode se dizer ser uma combinação de alguns aspectos da *cultura visual*, com outros da antropologia da imagem. O modo de operar o pensamento, aqui, propõe uma triangulação entre o texto escrito, as imagens e as performances dos devotos e agentes organizadores da procissão. Ao final, irei tecer alguns comentários sobre a relação entre lembrar e esquecer nos processos de rememoração e na dimensão da experiência fotográfica no espírito dos desdobramentos imaginativos.

### **A experiência fotográfica ante a experiência da fé: a intuição como método**

Artista é aquele que pensa com sensações, compõe sensações para dar visibilidade a ideias nascidas no campo intuitivo. (JÚNIOR & LESSA, 2016, p. 79) A fé é o que alimenta as fotografias em preto e branco realizadas durante a Procissão do Festejo de São Raimundo Nonato dos Mulundus. A procissão

perfaz o caminho de Vargem Grande ao povoado de Paulica, onde é rezada uma missa e são realizadas diversas atividades de socialização, quando, então, os romeiros retornam à paróquia da cidade de Vargem Grande. A figura do vaqueiro montado a cavalo, com suas vestes de couro, que segue em procissão com outros tantos, revela o aspecto cultural da fé. (Imagem 1) A presença de jovens, velhos e crianças reforça a continuidade dessa manifestação, que tal como tantas outras da cultura popular maranhense, mostra-se em toda sua vitalidade a partir do reencenar constante das tradições, e, nas culturas, as práticas que delas emergem. *Tradições* estas que longe de pertencerem ao passado, indagam o futuro a partir das vivências e experiências que transformam o presente. Um presente saturado de agoras, de vivências transtemporais.

**Imagem 1** - Vaqueiro vestido com gibão e chapéu de couros, típicos do sertanejo nordestino.



Fonte: Arquivo pessoal.

A ideia dessa travessia performática, aludida pela procissão de São Raimundo Nonato dos Mulundus, está diretamente ligada à imagem do cavalo e do vaqueiro. Essa memória viva, imagem latente no imaginário sertanejo, figura espectral do vaqueiro que atravessa o cerrado em seu cavalo, tangendo o gado, sol a sol. Remeto minha memória e intuição às imagens na gruta de Chauvet, na França, onde as imagens dos animais em perspectiva prenunciam um devir da ideia de cena com a simultaneidade e profundidade de planos em conjunção.



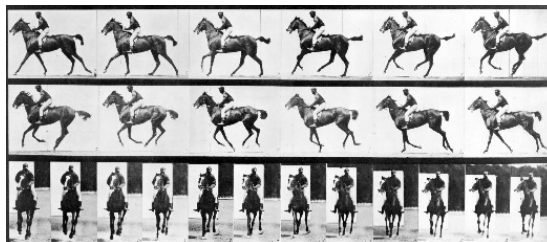
**Imagem 2:** Figurações da gruta de Chauvet, feitas aproximadamente entre 30.000 e 32.000 anos atrás.



Fonte: <https://pt.euronews.com/2016/07/08/as-obras-de-arte-mais-antigas-do-mundo-na-gruta-chauvet-em-franca> (2014)

Pode-se falar, portanto, de um atravessamento da imagem do cavalo (ou de animais da mesma linhagem dessa espécie) na história das imagens da civilização humana, uma verdadeira sobrevivência, no sentido warburgiano, da noção da representação na figura do cavalo, assim como de sua importância para os estudos do movimento e de sua representação. Esses aspectos das experiências fotográficas do século XIX com os cavalos são o substrato dos trabalhos *The horse in motion*, de Eadweard Muybridge (1830 – 1904), e da cronofotografia de Étienne-Jules Marey (1830 – 1904), que conectaram, do ponto de vista tecnológico, imagem, fisiologia e movimento naquilo que posteriormente foi denominado de pré-cinema. Esses experimentos são alguns dos aspectos centrais do nascimento e consolidação do universo das imagens técnicas, tão presentes na vida cotidiana da contemporaneidade.

**Imagens 3 e 4:** *The Horse in Motion* (1882), de Muybridge e *Cheval Blanc Monté* (1886), de Marey, respectivamente.



Fontes: [http://cristianfreire.com/TDA\\_2501/MuyBridge%20Horses%20and%20other%20animals%20in%20motion\\_miche.pdf](http://cristianfreire.com/TDA_2501/MuyBridge%20Horses%20and%20other%20animals%20in%20motion_miche.pdf) (2018) e <http://www.betterphotography.in/perspectives/great-masters/etienne-jules-marey/48592/> (2016)

O cavalo é esse significativo. Essa imagem da coisa que possibilita a travessia, que através da coragem e destreza do vaqueiro (ou cavaleiro) conduz e é conduzido para o universo natural, que na simbologia popular está cheio de desafios e mistérios, por ser ermo, selvagem e desafiador. Por isso a religião e a fé são modos de leitura de mundo nodais no entendimento dos acontecimentos da vida. A fé produz o sentido da cavalgada na procissão de São Raimundo Nonato dos Mulundus. Essa performance coletiva é o sentido de todo esse ir juntos em direção a algo divino. A coletividade intensifica o compartilhamento desse mundo sensível. O movimento das imagens e dos tempos na fotografia da romaria dos vaqueiros é o encontro entre o que foi e o que ainda é, na imagem. (Imagem 5) Pois,

“(...) há na fotografia a possibilidade de inscrição do movimento na imagem sob a forma de um borrão, conforme o objeto se desloque no espaço selecionado”. (ENTLER 2007, p. 32) Assim, a opacidade desvela os tempos e os devires em regimes de temporalidades justapostas que mais revelam do que escondem.

**Imagem 5:** Tropeada de cavaleiros na procissão de São Raimundo Nonato dos Mulundus (22/08/2012). Prolongamento do espaço-tempo no “borramento” da imagem, oportunizado pelo tempo do obturador e alargamento do espaço horizontal da foto.



Fonte: Arquivo pessoal.

“caminho”, determina-se a busca daquele que procura por “algo”. Para os negros de África a travessia é “Calunga Grande”. Calunga é lugar desconhecido do qual não há volta. Jesus atravessou o deserto durante 40 dias. Qual a noção coletiva de atravessar e ser atravessado por uma larga caminhada em direção ao sagrado?

## Atravessamentos da cultura e da fé: a figura do vaqueiro

Pode-se definir como religião aquilo que subtrai coisas, lugares, animais ou pessoas ao uso comum e as transfere para uma esfera separada. Não só não há religião sem separação, como toda separação contém ou conserva em si um núcleo genuinamente religioso. (AGAMBEN, 2007, p. 65)

A fé e devoção em torno da história de São Raimundo Nonato dos Mulundus está envolta em vários atravessamentos de narrativas e imagens. Curiosamente, é um caso

de sincretismo religioso, no qual a Igreja Católica, em princípio, rechaçou a existência do santo popular, o Raimundo Nonato Cangaçu, que depois se tornou São Raimundo dos Mulundus. Ao perceber a irreversibilidade do culto ao santo vaqueiro, e dando-se conta do potencial simbólico e econômico que as peregrinações e romarias significavam, a Igreja sincretizou a devoção ao São Raimundo Nonato dos Mulundus, santo popular vaqueiro, à imagem do São Raimundo Nonato, santo espanhol do século XIII, conhecido naquela latitude por resgatar cristãos dos domínios dos mouros.

**Imagem 6:** São Raimundo Nonato (1200 – 1240), santo espanhol sincretizado pela Igreja Católica ao santo popular São Raimundo dos Mulundus, da região de Vargem Grande - MA.



Fonte: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-raimundo-nonato/> (2017)

Outro atravessamento cultural latente é a manifestação cultural do bumba meu boi no estado do Maranhão, a mais praticada e difundida no estado. Dança dramática, de claro acento popular, que “(...) remete às características dos autos medievais, sendo que alguns autores localizam suas origens nos autos religiosos encenados pelos jesuítas no período colonial, ou então vinculado ao ciclo do gado”. (CABRAL, 2003, p. 60) Traz em sua narrativa forte discussão política sobre o poder instituído e o vaqueiro como a figura do caboclo, do escravo liberto, que através da subversão no espaço da fazenda, instaura a desordem, a inversão da hierarquia dos valores dominantes e, sobretudo, a fantasia. Ao final do auto acontece a restauração da ordem dominante:

Pai Francisco (ou Nêgo Chico), vaqueiro honesto e pacato, cuidava de um boi de propriedade de um certo senhor. Chico era casado com Catirina. Um dia, ela grávida, sente o desejo de comer a língua do boi. Diante de tal situação, Chico, embora assustado, não hesitava: atirava no boi, cortava-lhe a língua, satisfazia o desejo de Catirina e, com a mulher, fugia da fazenda. Dando falta do boi e pela ausência de Chico, o amo chamava seus vaqueiros e lhes ordenava que procurassem por Chico, pelo boi, e os trouxessem de volta à fazenda. Diante do fracasso dos vaqueiros, o amo chamava os índios, que saíam e depois de muita



luta, encontravam o fugitivo. Trazido à presença do amo, juntamente com Catirina e o cadáver do boi, Chico era violentamente punido, mas, após as súplicas de Catirina, o amo se resolvia por perdô-lo, contanto que restituísse o boi à vida. Para tanto, era feito um apelo ao pajé (ou curador) que cantava e dançava até que seus trabalhos surtiam efeito e o boi ressuscitava dando um grande urro como sinal. Então, era o perdão a Chico, era a cantoria, era a festa. (AZEVEDO NETO apud CABRAL, 2003, p. 61)

Trago a “imagem” do auto do bumba meu boi como corroborante da centralidade da figura do vaqueiro na cultura popular maranhense, personagem central da trama que permeia todo o imaginário popular do povo sertanejo do meio-norte do Brasil, tendo em vista que o bumba meu boi é dançado, além do Maranhão, em algumas cidades do interior dos estados do Pará e do Piauí. Para confirmar a hipótese política desse imaginário, podemos nos remeter analogamente à guerra civil da Balaiada (1838 – 1841), movimento popular ligado a um campesinato baseado na produção de subsistência, cujas motivações colocam em lados opostos a cultura da *plantation* e a economia campesina. (CABRAL, 2003, p. 70) Portanto, as imagens, imaginários e histórias que trazem à tona a figura do vaqueiro, sempre o colocam em relação ao universo religioso, político e étnico que o envolve. Esse vaqueiro, ao qual se referem essas

matrizes históricas e narrativas, diz respeito à imagem do caboclo, ente atravessado por identidades e identificações múltiplas, sempre em devir, nas quais pode se converter, através dos regimes das narrativas, num santo, subversor-*trickster* ou revolucionário. Atravessamos, assim, algumas imagens que constroem o imaginário do vaqueiro, que é atravessado pelas memórias e tradições que o disputam e conformam esta ideia de “id-entidade”, assim hifenizada, a qual explicarei adiante.

**Imagem7** - Fotografia de jovem casal mestiço em cavalgada, em sua performance em devoção a São Raimundo Nonato dos Mulundus. Em seu arquétipo-imagem, podem aludir, aqui, nessa passagem, às figurações imaginativas de um Nêgo Chico e uma Catarina modernos, montados em seu cavalo.



Fonte: Arquivo pessoal.

## Travessias nas imagens

Por trás da fotografia, mesmo aquela com intenção documental, há uma perspectiva do fotógrafo, um modo de ver que está referido a situações e significados que não são diretamente próprios daquilo que é fotografado e daqueles que são fotografados. (MARTINS, 2008, p. 63-64)

Nesta última parte do texto, trago em seu corpo os traços da experiência estética vivida na procissão do São Raimundo Nonato dos Mulundus, através das fotografias dos atos de fé, que evocam a religiosidade popular e a relação sagrada/profana entre devotos e seu santo popular. Importante ter em conta que nessa seção de imagens foco meu olhar na performatividade das práticas populares, assim como nos significantes suscitados pelos gestos de fé. Apresento nas imagens o sentido da caminhada (figuras 9, 11 e 14), a reafirmação da esperança no pedido ou pagamento das promessas (figura 15), gestos tecidos na música que conduz a romaria, assim como nas joias (presentes) que são levadas em oferenda ao Santo (figura 10). A experiência daquele dia foi reavivada pelas memórias fotográficas que recuperei ao retornar às imagens, indexada à ideia de sagrado popular, que são remetidas na relação entre fotografia e religiosidade às noções benjaminianas de rastro e aura

O rastro é a aparição de uma proximidade, por mais longínquo esteja aquilo que o deixou. A aura é a aparição de algo longínquo, por mais próximo esteja aquilo que a evoca. No rastro, apoderamo-nos da coisa; na aura, ela se apodera de nós. (BENJAMIN, 2009, p. 490)

Portanto, as fotografias são rastros, vestígios, do que foi e do que ainda é, na memória em devir. Nelas estão contidas a materialidade da fé, em toda sua efemeridade. Os gestos de fé são significantes da aura religiosa, que conduzem os movimentos dos corpos e os coloca na dimensão do sagrado, na dimensão original da palavra experiência, que é agir para fora dos limites de espaço, na inscrição do limiar num outro tempo, o tempo do sagrado, no espaço da experiência da fé. Nessa travessia, deixei-me ser conduzido pela energia imaginal que me circundava, repleta de significados. Percebia que mais do que captar os gestos e as pessoas, eu também era gesticulação. Nesse sentido, o fotógrafo também é um *performer*, em virtude do engajamento de seu corpo no todo do acontecimento. Ao sentir a brisa do vento e o sol forte no rosto, assumia o gesto de pesquisa como vital, tal como os gestos de fé das pessoas que estavam em romaria. A seguir, apresento minha narrativa fotográfica dessa travessia.

**Imagem 8** - Chegada dos romeiras/os para a procissão de São Raimundo Nonato dos Mulundus.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Imagem 9**: Padre em cima do trio elétrico, conduzindo rebanho, com o som da banda e músicas de louvor ao santo vaqueiro.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Imagem 10**: Mulher no meio da procissão, levando uma joia (uma oferenda) a São Raimundo Nonato dos Mulundus, em agradecimento a alguma benção alcançada.



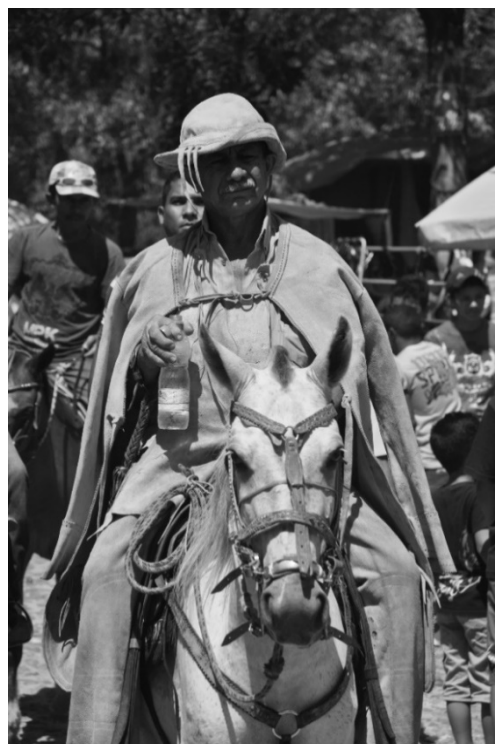
Fonte: Arquivo pessoal.

**Imagem 11**: O fé dos devotos ao caminhar junto ao andor de Santo Raimundo dos Mulundus e Jesus Cristo, lugar disputado na procissão.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Imagem 12**: Vaqueiro a cavalo em suas vestes tradicionais, hidratando-se no extremo calor do meio-norte. Chegada da procissão ao povoado de Paulica.



Fonte: Arquivo pessoal.



**Imagem 13:** Devotos assistem à missa campal, enquanto dois vaqueiros conversam distraidamente apoiados ao cavalo de um deles.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Imagem 14:** Volta dos devotos à cidade de Vargem Grande, no início da noite, momentos antes da missa na igreja matriz Paróquia de São Sebastião e Santuário de São Raimundo Nonato dos Mulundus, onde a população de amontoa dentro e fora da igreja.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Imagem 15:** A fé é a luz que conduz os fiéis em oração, a luz é a fé em que se fia o fotógrafo que fotografa um ato de fé.



Fonte: Arquivo pessoal.

Creio que nas imagens apresentadas acima pode-se aludir à ideia de uma narrativa. Um texto construído a partir das imagens que se interconectam, através de uma tessitura menos fechada mas não menos significativa do que um texto escrito. Nos domínios da imagem, sempre nos remetemos ao texto verbal escrito para tentar dar conta das imagens, seu estatuto, sua forma, seu significado. No texto deste artigo desencadeado por imagens, propus o acionamento de um método em que a imagem, em sua forma de ensaio fotográfico, ou mesmo de narrativa fotográfica, também comporta uma dimensão reflexiva de cunho científico e reveladora. As travessias se dão por dentro das imagens, entre imagens e nos contextos histórico, antropológico e estético daquilo que foi fotografado. Há ainda a travessia das imagens no tempo, já tornando-se memórias, as quais quis vicejar no intuito de encontrar sensações de agora para aquele longínquo 2012.

Por fim existe também as travessias dessas imagens nas mentes



de quem frequentou as exposições ou leu estas páginas, e que de alguma forma guarda esses instantâneos como reminiscência. Portanto, o caminho neste tópico que agora se encerra foi investir no discurso suscitado pelas imagens a partir das próprias imagens, utilizando o texto verbal, no caso, as legendas, como ilustração das fotografias, e não o contrário, como é de costume. Tal perspectiva metodológica não é nova, mas ainda sofre alguns percalços para encontrar seu lugar e legitimidade no universo acadêmico.

### **Fim da travessia ou os últimos frames**

A experiência é a relação do sujeito com o acontecimento. Sendo, em si, um processo que ocorre baseado na exterioridade e na alteridade, porém totalmente vinculado ao subjetivo. Para tanto, é cara à temática aqui exposta a noção de id-entidade. A id-entidade, hifenizada, alude à possibilidade de entendimento dessa categoria como mescla ou mesmo como síntese entre o id freudiano, onde se apresenta, segundo o próprio Freud, as energias que em oposição ao Eu da linguagem, "(...) contém as paixões" (FREUD, 2011, p. 31), com a noção de entidade das religiões afro-brasileiras, imagem de pensamento que traz consigo a força do engajamento do corpo, na possessão desse *medium* guiado por arquétipos e energias espirituais que englobam

a assunção e a parecência necessárias, no sentido do trabalho coletivo e da percepção ontológica que toda manifestação popular evoca em seu cerne. Aqui nesse caso, a procissão de São Raimundo Nonato dos Mulundus. O sujeito coletivo da experiência é e está (n)esse território de passagem, lugar(es) de atravessamento(s), da fé, do encontro, das imagens, da observação, do êxtase, ponto de chegada (e partida) da experiência e da transformação. Espaços onde têm lugar a inscrição dos acontecimentos: os corpos, os gestos, os cantos, a luz e o calor; cheiros e sensações, rememorações e cintilações do tempo que não consigo esquecer, nem tão pouco lembrar em sua totalidade. As travessias e atravessamentos oportunizadas por essa experiência fotográfica é justamente isso, essa tensão, essa dialética em suspensão, entre memória e esquecimento, imagem e imaginário.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

CABRAL, Wagner. Baiando com Catirina e Pai Francisco: desejo e malandragem no auto do bumba-meu-boi. **Clio. Revista de Pesquisa Histórica**. Recife: Ed. Universitária. pp. 59 – 84, volume 21, número 1, maio, 2003.

CAVERNA DE CHAUVET. In Euronews (site). Fonte: <https://pt.euronews.com/2016/07/08/as-obras-de-arte-mais-antigas-do-mundo-na-gruta-chauvet-em-franca> Acesso em: 03 out. 2020.

CHEVAU BLANC MONTÉ. Étienne Jules-Marey. Fonte: <http://www.betterphotography.in/perspectives/great-masters/etienne-jules-marey/48592/> Acesso em: 05 mai. 2020.

ENTLER, Ronaldo. A fotografia e as representações do tempo. **Revista Galáxia**. Número 14, pp 29-46, 2007

FERRETI, Sérgio. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: EDUSP, 2013.

FREUD, Sigmund. **Obras completas – volume 16: o eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923 – 1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

JÚNIOR, Auterives Maciel; LESSA, Jadir Machado. A intuição artística. In: ALMEIDA, Leonardo Pinto de; LESSA, Jadir Machado (orgs.). **Arte e ressonância**. São Luís: EDUFMA, 2016. pp. 67 – 89.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MELO, Nágela Mila de. **São Raimundo Nonato dos Mulundus em Vargem Grande – MA: uma experiência estética**. Licenciatura em Artes Visuais – Departamento da Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Centro Histórico, 2016. Monografia em Artes Visuais.

SÃO RAIMUNDO NONATO. In Cruz Terra Santa (site). Fonte: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-raimundo-nonato/> Acesso em: 22 mai. 2020.

SOUSA, Ronilson de O.; PINTO, Elenir, R.; JÚNIOR, Clodomir C. M. "Agosto em festa se enfeita": religiosidade, práticas devocionais e representações simbólicas no Festejo de São Bernardo – MA. In **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)**. São Luís - Vol. 4 - Número Especial - Jul./Dez. 2018.

THE HORSE IN MOTION. Edouard Muybridge. Fonte: [http://cristianfreire.com/TDA\\_2501/MuyBridge%20%20Horses%20and%20other%20animals%20in%20motion\\_miche.pdf](http://cristianfreire.com/TDA_2501/MuyBridge%20%20Horses%20and%20other%20animals%20in%20motion_miche.pdf) Acesso em: 05 mai. 2020.

VARGEM GRANDE. In: História e Geografia Vargem Grande. Disponível em: <https://historiaegeografiadevargemgrandema.wordpress.com/geografia>. Acesso em: 01 out. 2020.

Recebido em: 8/jun/2020

Aceito em: 21/ago/2020